

Assembleia da Adusp condena contratação de coronéis

A Assembleia da Adusp manifesta seu absoluto espanto com a anunciada contratação, pela Reitoria, de três coronéis da Polícia Militar que assumirão funções de chefia na segurança dos campi da USP.

Ao invés de reforçar o caráter civil, comunitário e democrático da Guarda Universitária, dando-lhe as condições materiais e intelectuais necessárias ao cumprimento de suas tarefas, a Reitoria acentua, com essa nova medida, o processo de militarização do espaço acadêmico.

Mesmo tendo o Conselho Universitário aprovado a criação da Superintendência de Segurança, estariam os seus membros cientes da indicação do coronel Luiz de Castro Júnior para a função de superintendente de segurança? Para uma decisão de tal importância para a vida cotidiana de uma instituição pública de caráter educacional como é a USP, não seria adequado, mesmo não sendo exigência estatutária, ter ouvido a comunidade, que tomou conhecimento das contratações pela mídia?

A Assembleia da Adusp de 29/3 expressa, portanto, seu profundo desacordo com relação à contratação dos oficiais e reitera a necessidade urgente de tratar de modo democrático e amplo a questão da segurança na USP.

Assembleia da Adusp, em 29/3/12

Deliberações da Assembleia de 29/3

Campanha de data-base

1. Aprovou a pré-pauta encaminhada pelo Fórum das Seis (vide íntegra em www.adusp.org.br)

- Liberdade de organização e manifestação dos movimentos
- 11% de reajuste em maio
- Equiparação dos pisos salariais dos funcionários técnico-administrativos das três universidades
- Equiparação dos valores dos auxílios alimentação pagos nas três universidades, com sua incorporação aos salários, inclusive aos proventos dos aposentados.

2. Propôs ao Fórum das Seis acrescentar, ao preâmbulo da pauta, manifestação contrária à militarização das universidades estaduais paulistas e a práticas de espionagem das atividades sindicais e estudantis, conforme denunciado pela revista *Fórum* de janeiro de 2012.

Pauta específica dos docentes da USP

A assembleia decidiu aprofundar e ampliar a discussão nas unidades sobre as questões seguintes:

1. Elaboração de uma pauta específica dos docentes da USP e/ou construção de uma pauta específica dos docentes das três universidades públicas paulistas;
2. Valorização dos níveis iniciais da carreira; contratação de docen-

tes de acordo com as necessidades de cada unidade; substituição do período experimental pelo período probatório de três anos, conforme previsto pela Constituição Federal, com avaliação feita pelos departamentos e unidades; discussão sobre atribuições e composição da CERT (como temas propostos para compor uma eventual pauta específica).

Mudança da sede da Adusp

A assembleia autoriza a diretoria a alugar um imóvel que sediará provisoriamente a Adusp, durante

o período em que o espaço no campus, destinado à sede definitiva, esteja sendo reformado.

Delegação da Adusp ao congresso da CSP-Conlutas

Foram indicados os colegas Andrés Vercik, Elisabetta Santoro, Kimi Tomizaki, Manoel Fernandes e Rosângela Sarteschi como delegados ao Congresso. Como as teses ainda não estavam disponíveis, o posicionamento dos delegados deverá ser balizado pelas deliberações do último Congresso do Andes-SN.

Seminário

Universidade Pública, Democracia e Estado de Direito

10/4/12, terça-feira, 18h,
Anfiteatro da História

Convidados

confirmados:

Gilberto Bercovici, Jorge Luiz Souto Maior, José Fernando Simão, Luís Virgílio Afonso da Silva, Marcus Orione Gonçalves Correia.

a confirmar:

Celso Antônio Bandeira de Mello.

Maria das Graças, a otimista

Vitor Flynn



Professora denuncia assédio moral na FZEA

A professora Lia de Alencar Coelho, da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos (FZEA-USP), considera-se vítima de assédio moral, depois de ver lançadas em seus holerites nada menos do que 14 faltas “justificadas” (não abonadas), vinculadas a “saídas não autorizadas”, de 13/6 a 21/6, e depois 27, 28 e 29/6, e 8 e 9/8.

“Não tive nenhuma ciência disso, fui saber da primeira leva de faltas ao receber, em setembro, o holerite com o salário de agosto. Só na segunda leva recebi comunicação do Serviço de Apoio ao Usuário do DRH-USP”, diz a docente.

Lia realiza, no Laboratório de Neurobiologia do Departamento

de Fisiologia e Biofísica do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), em São Paulo, pesquisa aprovada em projeto da Fapesp, sob sua coordenação. A realização da pesquisa no ICB foi devidamente comunicada em memorando encaminhado ao Departamento de Zootecnia em dezembro de 2010 e registrada em ata da reunião do Conselho Departamental de fevereiro de 2011.

As datas registradas como faltas no holerite correspondem, em sua maior parte, aos dias em que se encontrava no ICB. Nos dias 21/6 e 9/8 ela estava no campus de Pirassununga, inclusive em sala de aula no dia 9/8.

Recurso. Docente em RDIDP, na USP desde 1998, professora associada desde 2002, Lia também afirma que no dia 8/8 recebeu uma convocação por e-mail do chefe do Departamento, para estar no gabinete da chefia no mesmo dia às 14 horas, para justificar “suas ausências nas últimas semanas”. Também foi advertida de que as faltas não justificadas seriam apontadas à Seção de Recursos Humanos da FZEA, para desconto em folha. Lia respondeu dizendo que não poderia comparecer, pois encontrava-se em São Paulo, e que se houvesse desconto recorreria.

Ela apresentou um recurso administrativo à direção da FZEA,

em 17/10/11, e em 31/10 solicitou também que o recurso fosse encaminhado à Procuradoria Geral da USP. O recurso foi encaminhado à PG no dia 3/11.

O *Informativo Adusp* pediu ao professor Evaldo Titto, chefe do Departamento de Zootecnia, que se pronunciasse quanto às denúncias da professora Lia. “Todas as respostas a essas questões já foram registradas em atas do Conselho do Departamento e as ações em questão também foram deliberadas por esse colegiado”, disse o docente. “Após a solução do caso poderemos dar declarações mais detalhadas”.

Recorde, eleição para DCE tem 13 mil votantes. “Não vou me adaptar” vence com 53% dos votos

Na madrugada de sexta (30/3) para sábado, a comissão eleitoral anunciou que a chapa situacionista “Não vou me adaptar”, formada por militantes filiados a correntes internas do PSOL e ao PSTU, venceu as eleições para o Diretório Central dos Estudantes da USP. A chapa vencedora recebeu 6.964 votos, ou 53% do total de 13.134. O número recorde de votantes indica que a eleição conseguiu envolver parcelas do corpo discente que normalmente não participam do processo eleitoral.

O segundo lugar na disputa ficou com a chapa “Reação”, única, entre as cinco chapas concorrentes, declaradamente a favor da presença da Polícia Militar no

campus. Com 2.660 votos, a “Reação” teve melhor desempenho na Faculdade de Economia e Administração e na Escola Politécnica.

Com número de votos muito próximo, 2.579, a terceira posição ficou com “Universidade em Movimento”, chapa articulada por integrantes do PSOL e da Consulta Popular. O quarto lugar ficou com a chapa “27 de Outubro”, 503 votos, e o quinto com a chapa “Quem vem com tudo não cansa”, 254 votos.

Mais numerosa. “Não vou me adaptar”, era a chapa mais numerosa, contando com representantes de vários campi e cursos da universidade. Seus componentes conside-

ram que a votação com número recorde de eleitores é uma resposta vitoriosa do movimento estudantil ao autoritarismo da gestão Rodas.

O grupo Negação da Negação retirou-se da chapa “27 de Outubro” e chamou seus apoiadores a votarem na “Não vou me adaptar”, por entender que era a chapa capaz de vencer a eleição e assim derrotar a política de intolerância do reitor.

A nova gestão do DCE considera ainda que a ampliação de sua votação, quando comparada à eleição anterior (cerca de 2 mil votos a mais do que os recebidos pela chapa “Todas as vozes” em 2011), aponta para a possibilidade de ampliar o movimento e mobilizar os alunos.

FMRP perde Sérgio Zucoloto e Júlio Voltarelli

Infelizmente, num curto espaço de tempo a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP) perdeu dois dos seus grandes pesquisadores, o professor Sérgio Zucoloto no dia 29 de fevereiro e o professor Julio Cesar Voltarelli no dia 21 de março.

Zucoloto atuava principalmente nas áreas de pesquisas relacionadas ao controle da proliferação celular do tubo di-

gestivo, carcinoma hepatocelular e doença hepática gordurosa. Era professor titular do Departamento de Patologia e Medicina Legal Humana.

Voltarelli, professor titular do Departamento de Clínica Médica, coordenava o Laboratório de Imunogenética e a Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital das Clínicas da FMRP-USP. Era um dos principais pesquisadores do Centro

de Terapia Celular, um centro de pesquisa, inovação e difusão (CEPID) da Fapesp, sendo um dos pioneiros da pesquisa em células-tronco no Brasil.

Deixam saudade e um legado como pesquisadores apaixonados e extremamente dedicados nas suas respectivas áreas, bem como docentes comprometidos com o ensino e a formação de recursos humanos na graduação e pós-graduação.

Progressão horizontal e incorporação para efeitos de aposentadoria

Através de ofício GR/348, de 15/12/2011, a Reitoria ofereceu à Adusp esclarecimentos sobre como a progressão nos níveis horizontais da carreira docente, tanto para Professor Doutor quanto para Professor Associado, será tratada para efeitos de proventos de aposentadoria. Nos termos do Parecer PG P.3727/11, emitido pela Procuradoria Geral da USP, o acréscimo salarial decorrente de progressão horizontal “é inerente à posição do docente na carreira e servirá de base para todos os acréscimos legais que recaiam sobre a referência de vencimentos”.

Isso significa que o docente não precisará permanecer cinco anos em qualquer destas posições, para que seu novo salário seja considerado para fins de aposentadoria. A exigência dos cinco anos para incorporação restringe-se ao salário do cargo ocupado, a saber, o de Professor Doutor, que permanece o mesmo nestes níveis de progressão.

Uma vez mais, Reitoria protela solução para sede

Por solicitação da Adusp, realizou-se reunião com a Reitoria em 2/4, para dar prosseguimento à negociação da nova sede da entidade. A administração esteve representada pelo reitor, João Grandino Rodas, pelo chefe de gabinete, Alberto Carlos Amadio, e pelo superintendente de relações institucionais, Wanderley Messias da Costa. Representaram a Adusp os diretores Heloisa Borsari e Marcelo Freire e o coordenador do GT-Jurídico, Ciro Correia.

No início, o reitor perguntou-nos sobre o tema da reunião, e respondemos que nosso objetivo era concluir a negociação da mudança da sede da Adusp, com a assinatura do Termo de Permissão de Uso, pelas partes. O reitor alegou dificuldades para assiná-lo, face às críticas que vem sofrendo da entidade e de professores a ela ligados, sobre possí-

veis irregularidades quanto ao modo como a administração tem encaminhado questões relativas a imóveis, entre outras e que, neste clima, firmar um termo desse teor não seria bom para as partes. Ressalvou não tratar-se de afronta e cogitou de outras formas de legitimação da cessão de espaço para a Adusp.

Argumentamos que firmar o Termo não só era possível como necessário e que, decorridos oito meses de conversações, não era razoável cogitar de outros mecanismos para a cessão de espaço. Lembramos que, em reunião em 7/12/11, o procurador-geral da USP, Gustavo Monaco, admitira finalmente a inexistência de objeções legais ao Termo; que na reunião de 22/12/11 havíamos chegado a um acordo em relação ao espaço proposto pela Reitoria como sede definitiva. Após todo esse pro-

cesso, não víamos motivo para reiniciar a discussão. Veja toda a cronologia da negociação no endereço <http://migre.me/8yMGL>.

O reitor afirmou não ter tido alternativa a não ser ingressar com a interpelação judicial contra os diretores da entidade, em função do editorial do jornal *O Estado de S. Paulo* de 25/2/12 e que não via condições de avançar na negociação sobre a nova sede, sem resolver, ao mesmo tempo, a questão da interpelação. Sugeriu então que a Adusp se manifestasse publicamente, esclarecendo as declarações imputadas a seus diretores pelo jornal.

Contestamos suas afirmações, lembrando que ele poderia ter entrado em contato com a diretoria para esclarecer o ocorrido, ao invés de judicializar a questão; dissemos que era inaceitável postergar a decisão

sobre a nova sede, considerando o avanço da reforma no prédio da Antiga Reitoria e as responsabilidades já assumidas pelas partes durante o processo de negociação. O professor Wanderley ponderou que seria melhor tratar as duas questões conjuntamente para distensionar a relação entre Reitoria e Adusp e, assim, dar encaminhamento a todas as questões pendentes.

Rodas sugeriu então que Adusp e Reitoria fizessem uma declaração conjunta na qual contextualizaríamos as críticas a nós atribuídas e a Reitoria esclareceria que a iniciativa de interpelação judicial não foi a melhor resposta ao editorial.

Após discussão, comprometemo-nos a discutir a proposta com a diretoria da entidade, mas insistimos em que a reitoria retire a interpelação antes de uma eventual declaração conjunta, o que foi rejeitado veementemente pelo reitor. Na sequência, Rodas retirou-se em função de outro compromisso e a reunião foi encerrada pelos professores Amadio e Wanderley.

Docentes defendem Adusp em reunião com o reitor

Estiveram presentes os professores João Grandino Rodas, Alberto Carlos Amadio e Wanderley Messias, pela Reitoria; e os professores Carlos Alberto Dantas, do IME; José Jeremias, da FFLCH; Luiz Nunes, do IFSC, representante dos titulares no Co, e José Renato Araújo, da EACH, representante dos doutores no Co; além de Rosângela Sarteschi, da FFLCH e Lighia Horodinsky-Matsushigue, do IF, ambas do Conselho de Representantes da Adusp.

A reunião de 3/4/12 teve início às 10:40h e encerrou-se às 12:45h.

O primeiro pronunciamento foi do prof. Rodas, que leu parte da carta por mim enviada solicitando a reunião, destacando o seguinte trecho: *restabelecer o diálogo e redirecionar a vida universitária aos trilhos do convívio respeitoso*. Afirmou várias vezes que, tendo transcorrido metade do mandato, essa era a primeira vez que alguém o procurava para solicitar essa atitude. Deste modo, entendia que o grupo havia se constituído como uma comissão mediadora e que essa possibilidade se apresentava como algo novo, no contexto atual. Historiou as várias reuniões que realizou com funcionários e que ao fim de seis encontros, de mais ou menos duas horas cada um, perguntou aos participantes se consideravam ter havido avanço nas rela-

ções, teve como resposta que não. Relatou que na desocupação da Coseas, pastas de documentos foram retiradas e menos da metade foi devolvida. Isto o levou a encontrar um novo lugar para os arquivos, que não podem desaparecer impunemente. Foi enfático ao afirmar que em sua plataforma política estava o compromisso com o diálogo e que a comunidade não aceitou as iniciativas oferecidas. Defendeu a ideia de que tanto as entidades como a USP devem ser respeitadas e não apenas uma das partes ser responsável por manter o equilíbrio. Informou a comissão que realizara no dia anterior reunião com a Adusp e esperava a resposta da diretoria para firmarem um documento conjunto para por fim ao conflito envolvendo as citações aos membros da diretoria e a solução do espaço da nova sede.

Em seguida, o grupo de professores solicitou que eu usasse a palavra. Disse ao reitor que ali estávamos para informá-lo de que a política atual é extremamente violenta e sua postura não indicava disposição ao diálogo. Polícia no Campus, expulsão de estudantes, demissão de funcionários e interpelação da direção da Adusp, com base em um editorial de jornal, não eram sinais de diálogo. Mais ainda, a citação foi muito além do editorial, que utilizou pa-

lavras adequadas ao registro das diferenças de opinião. O reitor respondeu brevemente, indicando concordância em alguns aspectos e discordando dos demais.

Depois, Jeremias utilizou a palavra para fazer um longo histórico da conjuntura em que foi criada a Adusp demonstrando ter sido possível, em tempos mais difíceis, os professores enfrentarem os generais e o DOPS, para preservar e democratizar a Universidade. Narrou os conflitos internos, mas a convivência respeitosa entre aqueles que, mesmo com diferenças estruturais, uniram-se para aprovar a fundação da Associação e fazer dela uma defensora das liberdades. Destacou o papel importante dos estudantes e dos funcionários e recomendou o diálogo sempre, até que se chegue a um bom termo de convivência na diversidade. Foi muito enfático na oposição à polícia no campus e propôs serem os membros da guarda universitária treinados por professores especializados na defesa dos direitos humanos e na reversão da violência. Declarou total oposição ao convênio com as várias polícias e recomendou o fim do acordo e da nomeação dos coronéis da PM para coordenar o sistema de segurança da USP.

O professor Carlos Alberto Dantas lembrou as lutas da Adusp pela democracia e autono-

mia universitária e lamentou o tratamento dado à sua direção, destacando a delicadeza e a lisura da presidente Heloisa Borsari.

O professor Nunes utilizou-se da metáfora *há uma bomba armada e o reitor precisa desarmá-la* para enfatizar o papel da administração central na solução dos conflitos e a ideia de que não é preciso saber sobre ecologia e como plantar flores para criar uma floricultura na universidade, ou seja, com afeto e respeito as relações podem ser equacionadas e não com fósforo quando a bomba está armada.

Rosângela e Lighia expuseram os muitos papéis que já vivenciaram na USP e o tempo de permanência para destacarem que a situação atual é extremamente autoritária. José Renato destacou as dificuldades de convívio na EACH com preconceitos e intolerância das forças policiais quando seus membros adentram ao campus universitário portando a cultura da repressão.

A reunião foi encerrada com o compromisso das partes tentarem colaborar para a solução dos conflitos e o Reitor afirmou esperar as decisões da diretoria da Adusp para um documento conjunto quanto à citação judicial e também para prosseguirem as tratativas sobre a nova sede.

Zilda Márcia Gricoli Iokoi, da FFLCH

Novo ato contra o reitor reúne uspianos e moradores da comunidade São Remo

Daniel Garcia

O ato em frente à Reitoria da USP na tarde de 22/3, contra as medidas tomadas pela administração superior, foi marcado pela presença não só de estudantes, funcionários e professores, mas também de muitos moradores das comunidades São Remo e Carmine Lourenço, vizinhas do campus Butantã, que correm o risco de ser despejados de suas casas, caso seja levado adiante o plano de “reurbanização” anunciado por Rodas.

Em solidariedade aos moradores das comunidades no entorno da USP, também compareceram ao ato os moradores da ocupação Novo Pinheirinho, de Embu das Artes. Estiveram lá, ainda, Guilherme Boulos, membro da coordenação nacional do MTST, Dirceu Traverso (CSP-Conlutas) e o deputado estadual Carlos Giannazi (PSOL).

Durante cerca de duas horas, os manifestantes reivindicaram a revisão de diversas medidas antidemocráticas do reitor, que atingem todos os setores da comunidade. Agora, além dos estudantes, funcionários e professores que sofrem processos disciplinares e medidas judiciais por se manifestarem politicamente, João Grandino Rodas

desagrada também os populares que moram no entorno da Cidade Universitária.

Os representantes da Associação de Moradores da São Remo acreditam que, com o plano de reurbanização, diversos moradores serão despejados de suas casas. Edivaldo dos Santos conta que a associação já tentou dialogar e que a Reitoria marcou uma reunião, na qual esteve representada pelos professores Alberto Carlos Amadio, chefe de Gabinete da Reitoria, e Wanderley Messias da Costa, superintendente de Relações Institucionais da USP. “Na reunião com o Amadio fizeram promessas, não cumpridas, de que os terrenos não iam passar para o Estado sem nos comunicar. No ofício encaminhado à comunidade não há nenhuma garantia de que teremos nossas moradias”, diz Edivaldo. A associação enviou um ofício com algumas questões sobre o plano de reurbanização, porém os responsáveis não souberam responder à comunidade.

Discriminados. Outra medida muito questionada foi a criação do BUSP. O novo bilhete de



transporte, destinado aos estudantes e funcionários da USP, garante acesso gratuito ao ônibus circular, que agora chega até o metrô Butantã; não atende, porém, aos funcionários das empresas terceirizadas. Muitos desses trabalhadores utilizavam o circular gratuito e agora temem ter de passar a caminhar até seus postos de trabalho diariamente, já que a maioria não recebe vale-transporte. “Cerca de 80% dos trabalhadores de empresas terceirizadas na USP são moradores da São Remo. São discriminados: não têm direito ao restaurante universitário e agora

nem ao circular”, comentou Marcello dos Santos (Pablito), do Sintusp.

O professor Henrique Carneiro, que também participou do ato, chamou a atenção para a necessidade de unificar as diversas pautas contra o reitor João Grandino Rodas. “Na última semana tivemos um ato com cerca de 500 pessoas das quais a maioria era de estudantes. Hoje temos um ato, novamente com cerca de 500 pessoas das quais a maioria é de trabalhadores. Temos que unificar os setores para multiplicar nossa capacidade de pressionar o reitor”.

Sarau Adusp homenageia Rimbaud

Fotos: Daniel Garcia

Os amantes da poesia deleitaram-se com o Sarau organizado pela Adusp em 24/3. A convite da entidade, o grupo Ó de Casa prestou homenagem a Rimbaud.

O Sarau foi aberto pelo professor Marcos Silva, da FFLCH. “Esta atividade gira em torno de um livro que eu publiquei no ano passado, *Rimbaud etc. História e Poesia*. Esse livro eu escrevi muito lentamente, comecei em 2001, acabei em 2009 e ele saiu em 2011. É um conjunto de textos que tem como centro a poesia de Rimbaud e seus contemporâneos, e mais dois textos que se articulam com esse universo”, explicou o docente.

O encontro teve início com a declamação do texto “A escrava que não é Isaura; fragmento”, de Mário de Andrade: “E Adão viu Javé tirar-lhe da costela um ser que os homens se obstinam em proclamar a coisa mais perfeita da



criação: Eva. Invejoso e macaco, o primeiro homem resolveu criar também. Mas como não soubesse ainda cirurgia para uma operação tão interna, quanto extraordinária, tirou da língua um outro ser. Era também o primeiro plágio: uma mulher. Humana. Cósmica. Bela. E para exemplo das gerações futuras...”

A apresentação do Ó de Casa mesclou música, poesia e teatro, encantando os presentes. Muitas

referências se entrecruzaram, pois, como disse Marcos Silva, buscou-se reforçar o diálogo entre culturas. Canções de Chico Buarque foram vertidas para o francês. Outras, famosas na voz de Edith Piaf, puderam ser ouvidas em português.

Depois de uma versão em português para a famosa “Habaneira”, de Georges Bizet, foi a vez do poema “Mi’a Boemia”, de Rimbaud: “Eu me ia, os punhos nos



bolsos virados. Meu paletó também se tornava ideal. Vinha sobre o céu, Musa. Te era leal. U-la-lá, o esplendor dos amores sonhados” ... “As estrelas, no céu, ciciavam o seu naco. E eu ouvia, sentado à beira do caminho, nas noites de setembro, em que sentia o vinho gotejante na testa. Róseo, vigor, são. E no meio do negror fantástico, como lira, esticava, esticava o elástico do calçado ferido... Um pé no coração!”

O Sarau encerrou-se em ritmo de Carnaval e depois passou-se aos comes e bebes.